

60 ANOS DO GOLPE



1.



2.

1. Caderno especial traz depoimentos de Pery Bevilacqua,

2. De Amaury Krueel,

3. De Afonso Arinos,

4. De Alzira Vargas

5. E de Aliomar Baleeiro



3.



4.



5.

☺ em meio a uma ditadura militar que ainda rejeitava devolver o poder aos civis. Dos depoimentos publicados neste caderno, apenas alguns trechos das conversas dos generais Amaury Krueel e Pery Bevilacqua foram revelados no *Jornal da Tarde* no mesmo ano da publicação do depoimento de Lacerda.

Outros permaneceram guardados. Além desses citados, há relatos do ex-senador e ex-ministro Afonso Arinos, de Alzira Vargas, filha de Getúlio e chefe do Gabinete Civil da Presidência do pai, e de Aliomar Baleeiro, presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) entre 1971 e 1973. Os relatos ajudam a entender o cenário de tensão e forte polarização política que forneceu os elementos para o fatídico 31 de março de 1964.

Para inúmeros políticos, empresários liberais e boa parte da opinião pública da época, era grande a possibilidade de Jango dar um golpe e instalar o que se chamava de “república sindicalista”, em aliança com os comunistas. O temor era o de que estivesse sendo preparado um golpe inspirado no Estado Novo.

“Ele (João Goulart) me chamou aqui no Rio, quando houve a Marcha Deus e a Liberdade (19 de março). Então, peguei os jornais de São Paulo e levei comigo. Eu disse: ‘Presidente, pense na situação que está’. Vira-se ele para mim e diz: ‘Olha, general, eu perdi a situação. O Exército vai tomar conta disso’. Eu dis-

“(A série de depoimentos) Era mais um serviço que prestaríamos à coletividade em um país a tal ponto despreocupado com sua história que ultimamente o melhor que se tem feito em matéria de estudo da história recente do Brasil é obra de estudiosos norte-americanos”

Ruy Mesquita

No prefácio do livro ‘Depoimento - Carlos Lacerda’

se: ‘Não, senhor. O senhor é que deve acabar com essa ‘pelegada’ toda e mudar sua política’. (...) Foi ele (Goulart) que me ligou às 5 horas (17 horas, de 31 de março) e eu não quis atender”, contou Krueel, ex-ministro da Guerra de João Goulart.

Na mesma linha, Bevilacqua, que foi chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, relatou as conversas com o então presidente, quando alertava para o “desafio à autoridade” que a ameaça de uma “república popular sindicalista” despertava nos militares. “Ou eles obteriam o que queriam, que era a paralisação geral do País, que pressionava então a decretação da reforma de base, com a reforma prévia da Constituição, ou então essa república popular sindicalista (desejada por Jango) que só poderia ser

constituída sobre o cadáver moral das Forças Armadas.”

**CONTEXTOS.** Além dos depoimentos inéditos, o *Estado* preparou conteúdos que mostram, por exemplo, uma outra faceta do golpe gestado em São Paulo, com depoimentos também inéditos de militares e policiais que participaram da conspiração no Estado, com treinamento, compra de armas e foguetes para a guerra que pensavam que seria necessária para derrubar Jango.

O *Estado* revisita, ainda, o triste capítulo da tortura, com prisões e desaparecimentos e um documento inédito que confirma oficialmente a existência dos chamados “arrancadores de unha” entre os repressores.

Por fim, o próprio papel do jornal no movimento de 1964 e no período da ditadura militar, marcado pelo apoio inicial à derrubada de João Goulart, mas que logo depois se converteu em rompimento quando da decretação do Ato Institucional n.º 2, que impediu a realização das eleições marcadas para 1965. Uma atuação de luta contra a mordada imposta ao jornal nos períodos mais agudos da ditadura e contra o arbítrio do regime. ● MARCELO GODOY, MONICA GUGLIANO, PEDRO AUGUSTO FIGUEIREDO, HEITOR MAZZOCO E JULIANO GALISI



NA WEB  
60 anos do golpe: confira o conteúdo especial do ‘Estado’  
www.estado.com.br/

Trechos do editorial de 13 de dezembro de 1968  
Instituições em frangalhos

\_\_\_\_ Ao assumir as funções de presidente da República, imaginou o sr. marechal Costa e Silva que para essa difícil missão estava perfeitamente capacitado, tanto mais que na profissão que adotara havia galgado com facilidade toda a escala hierárquica, dando sempre provas de aptidão e de descortino (...)

Ao deixar os quartéis para bruscamente se investir das responsabilidades de supremo mandatário do Estado brasileiro – e isso nas condições que ele e seu antecessor estabeleceram, de comum acordo e prescindindo das advertências que lhes dirigiam cotidianamente os que haviam encanecido na vida pública –, fê-lo S. Exa. de ânimo leve, na convicção de que, no novo terreno que pisava, bastar-lhe-ia empregar a experiência adquirida na carreira militar e devotar aquele mesmo respeito que sempre demonstrara pelos regulamentos disciplinares ao sistema legal que juntamente com o sr. Marechal Castello Branco tinha encomendado ao sr. Carlos Medeiros da Silva e aos autores de seus complementos naturais, as leis de Imprensa e de Segurança Nacional (...)

É então que o ex-general de exército, habituado a não admitir que lhe discutam as ordens, se viu na pouco edificante posição de deixar de lado aqueles escrúpulos que o tinham levado a afirmar que jamais transgrediria um milímetro sequer as linhas da legislação que ele mesmo trouxe para cometer uma série de desmandos contra a Lei e o regulamento interno do Congresso, tentando arrancar da Comissão de Justiça da Câmara, sob o protesto do seu digno presidente e do sentimento de nojo do País, a licença para processar o autor das injúrias aos militares (...)

EDITORIAL FOI O ÚLTIMO ESCRITO POR JULIO DE MESQUITA FILHO